



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

doi **Se assim for, não vale o amor: a análise de Freud sobre as injunções da “moral civilizada” na sexualidade**

If Love is Like This, So It Is Not Worth It: Freud’s Analysis About the Injunctions of “Civilized Morality” on sexuality

ID Cláudia Pereira do Carmos Murta

ID Jacir Silvio Sanson Júnior

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma revisão teórica acerca das reflexões de Sigmund Freud sobre os impactos da moral civilizada no desenvolvimento da sexualidade, assunto que reaparece frequentemente no curso de suas investigações psicanalíticas. Propomos que o tema seja observado junto à questão de como preservar alguma experiência possível de amor na sociedade moderna, em se considerando o vilipêndio das condições impostas pela moral sexual. Para essa finalidade, sublinhamos a dupla referência que compõe a noção de perversão e seu uso como dispositivo de crítica social pertinaz, matéria-prima de uma interpelação ética e dedicada.

Palavras-chave: amor; perversão; moral; sexualidade; psicanálise.

Abstract

In this paper, we present a theoretical review of Sigmund Freud’s reflections about the impacts of civilized morality on the development of sexuality, a subject that frequently reappears in the course of his psychoanalytic investigations. We propose that the theme be observed together with the question of how to preserve some possible experience of love in modern society, considering the vilification of the conditions imposed by sexual morality. For this purpose, we highlight the double reference that makes up the notion of perversion and its use as a device for persistent social criticism, the raw material for an ethical and dedicated interpellation.

Keywords: love; perversion; moral; sexuality; psychoanalysis.

1. Introdução

O que será que será
Que vive nas ideias desses amantes [...]
Que está no dia-a-dia das meretrizes [...]
O que não tem decência nem nunca terá [...]
O que não faz sentido [...]
(Chico Buarque, Milton Nascimento, 1976)

Neste estudo de revisão teórica, investigamos como Freud mobilizou o tema do amor para enfrentar a questão em torno à moral sexual civilizada. A hipótese foca na insistência de Freud para restaurar as condições de uma experiência amorosa que, na modernidade, declinava-se num irremediável processo de falência.

No primeiro item, mostraremos como Freud compreende e avalia a moral civilizada, indicando que em *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* a equação dicotômica se mostra insuficiente para compreender a relação entre sociedade e moralidade. O registro do conflito entre indivíduo e civilização é transferido para a esfera de uma crítica cultural incisiva, abalizada com noções da Física Termodinâmica.

Os conceitos termodinâmicos fornecem o parâmetro com o qual Freud articula sua análise a respeito da moral sexual civilizada. O resultado de sua avaliação, como argumentamos no segundo tópico, repercute diretamente do sentido primário de *perversão*, desde que recapitulado dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para retratar não apenas os caracteres da sexualidade infantil, mas sobretudo as disposições conservadas na prática das prostitutas. Ao resgatar as componentes de uma erótica abjurada à discricção marginal e adotar o paradigma das máquinas termodinâmicas, Freud situa sua percepção da moral moderna numa dimensão grave e incorrigível, antagonizando-se a ela e denunciando-a como causa de mazelas.

Na terceira e última reflexão, consolidamos a ideia de que, em seu radical contraponto à moral civilizada, interessava a Freud restituir o protagonismo do amor no desenvolvimento da sexualidade. Nesse aspecto, a fórmula do *amor à prostituta* que aparece em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* é também a fórmula de um paradoxo que interpela a moral a partir daquilo que lhe convoca ao seu próprio disparate.¹

¹ Doravante, vamos nos referir de modo abreviado a esses e outros textos, que serão identificados cada qual com as designações *Moral sexual*, *Três ensaios*, *Um tipo especial*, *O mal-estar*.

2. A crítica freudiana à moral sexual civilizada

Em 1930, ao fim da terceira seção de *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1974, p. 118) advertia que “é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos”. Essas palavras apontavam para a urgente necessidade de que algo devia ser feito para brevar a escalada cultural na produção de insatisfações, pois “essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos” (Freud, 1930/1974, p. 118).

Considerando que o conflito entre civilização e desejos individuais está instalado numa combinação inexorável, soa previsível que a lógica cultural vigente estivesse em preocupante desalinhamento com a constituição pulsional dos indivíduos. Malgrado a distância temporal, duas décadas não edulcorariam aquilo que Freud havia elaborado em 1908, a julgar pela vitalidade de como chegam em *O mal-estar* as contribuições do *Moral sexual* no que tange à compreensão dos motivos pelos quais a vida moderna estaria levando tantas pessoas a adoecerem de problemas nervosos.

De certo, os textos guardam entre si diferenças importantes, como a que Pinheiro, Lima e Oliveira (2006) destacam acerca de uma mudança de perspectiva quanto ao lugar que o sexual ocupa relativamente à civilização². Mas isso não implica deduzir que *Moral sexual* já não estivesse aberto a novas perspectivas de análise. Ainda que Freud mantenha o conflito com processo civilizatório como central à compreensão do sintoma neurótico, todavia declara que não iria se mostrar interessado mais pela etiologia do que pelo aumento das doenças nervosas, numa decidida intenção de inserir seus argumentos “num contexto mais amplo” (Freud, 1908/1976, p. 192).

Freud empreende uma revisão profunda de seu posicionamento. A compreensão segundo a qual os indivíduos renunciam a parcela de sua satisfação (sentimento de onipotência e inclinações agressivas) para usufruírem dos bens culturais (por via sublimatória dessexualizada) mostra-se útil para explicar a causa fundamental, mas se faz limitada para averiguar o aumento contingencial dos sintomas neuróticos. Para reexaminar esse problema, o procedimento em *Moral sexual* consiste em

² Essa mudança convém ao modo de se entender o sintoma neurótico, não apenas como mero resultado do cerceamento da sexualidade, mas como “uma das formas de expressão da subjetividade” (Pinheiro, Lima e Oliveira, 2006, p. 40), ou como “energia sexual que liga os sujeitos entre si e que garante o laço social” (Pinheiro, Lima e Oliveira, 2006, p. 42). Alteração que parece convergir com o emprego do termo “exigência”, que Costa (2015, p. 25) observa ter se deslocado, passando a acompanhar não mais a civilização em seu papel de reprimir a pulsão sexual, e sim a pulsão, assim enfatizando o papel e a função do desejo inconsciente.

emparelhar o desenvolvimento individual (ontogênese) e o estágio social (filogênese), a fim de sondar a coordenação de um com o outro.

Sobre o primeiro aspecto, Freud faz uma breve descrição de como se daria a evolução da organização libidinal no indivíduo. Originalmente, a pulsão sexual “não serve [...] aos propósitos da reprodução, mas à obtenção de determinados tipos de prazer [...] não só dos genitais, mas também de outras partes do corpo (zonas erógenas)” (Freud, 1908/1976, p. 194). Só então é que se passa do autoerotismo para o amor objetal, “e da autonomia das zonas erógenas à subordinação destas à primazia dos genitais, postos a serviço da reprodução” (Freud, 1908/1976, p. 194). A ordem cultural segue em regra o mesmo itinerário, constituindo três estágios graduais de restrição à pulsão. Ao terceiro nível “corresponde a moral sexual ‘civilizada’ da atualidade” (Freud, 1908/1976, p. 194), momento em que só se admite exclusivamente como meta sexual a reprodução, e não se tolera nem mesmo a excitações sexuais preliminares³.

Logo o aumento na quantidade e o agravamento na intensificação de adocimentos de indivíduos pressionados a abdicarem de seus desejos não alinhados com a procriação sugerem um desajuste gritante. Para aferi-lo, ainda em 1908 Freud equipara as restrições sexuais (morais) da civilização ao funcionamento de máquinas que convertem calor em trabalho útil: “[...] não é possível ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, da mesma forma que em *nossas máquinas não é possível transformar todo o calor em energia mecânica*” (Freud, 1908/1976, p. 193, *itálico nosso*). Essa é uma clara aplicação das discussões em torno à segunda lei da termodinâmica, que atravessaram o século XIX (Silva e Errobidart, 2019). A civilização comporta-se como uma máquina que pretende transformar a pulsão sexual (= calor) dos indivíduos em trabalho de progresso, no qual se admite tão somente como elemento sexual o trabalho de reprodução da espécie.

Ocorre que Freud escalona a moral sexual moderna a um patamar de rendimento inatingível dessa máquina cultural, da mesma forma que é impossível a um sistema termodinâmico obter eficiência total, sem haver qualquer desperdício (Rodrigues, 2011, Oliveira e Dechoum, 2003 e Santos Filho, 2021). É como se o mecanismo moral da civilização não admitisse a existência da

³ Santos e Ceccarelli (2010, p. 23) lembram que a “moral sexual é um fato da cultura”, e que “não existe sociedade que não tenha regras em relação aos [prazeres sexuais]”, mas que o registro da moral sexual civilizada implicava numa “moral extremamente exigente e que, de maneira tirânica, obriga os homens à privação sexual, tendo em vista integrá-los ao sistema de uma intensa produtividade cultural” (Santos e Ceccarelli, 2010, p. 26). Garcia (1997, p. 100) observa que, se no segundo estágio “os mais atingidos [...] teriam sido os perversos e os homossexuais, na medida em que só seria permitida a relação sexual genital visando procriação”, é o terceiro que Freud quer discutir, pois neste “a exigência de abstinência sexual [dava-se] antes e também durante o casamento, [atingindo] o âmago da família burguesa [e] ameaçando sua estabilidade” (Garcia, 1997, p. 100).

entropia (Moura, 2016 e Gregio, 2016), e uma quota da experiência sexual não tivesse necessariamente de se degradar em mero prazer e satisfação.

O que se deveria, portanto considerar aberrações eram as premissas dessa exigência moral, jamais aquilo que é constitucional – diga-se, entrópico – à sexualidade. Uma ética não poderia ser tão severamente restritiva aos elementos perversos da sexualidade, nem tentar reverter exaustivamente em trabalho aquilo que serviria ao ganho de prazer somente, ou que demarcariam espaços onde cada sujeito de desejo articularia “soluções de compromisso” (Kehl, 1992, p. 261) com suas satisfações possíveis.

Ao abordar essa tensa relação entre as necessidades individuais e as coerções da sociedade, Freud (1908/1976, p. 196) não apenas afirma que as psiconeuroses são “fenômenos substitutivos surgidos em consequência da supressão do instinto”, pois também julga que “uma das *óbvias injustiças sociais* é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual, [...] injustiça [...] geralmente sanada pela desobediência às injunções morais” (Freud, 1908/1976, p. 197, *italico nosso*). Trata-se, por conseguinte, de um conflito entre uma identificação uniformizadora em torno a um grande ideal civilizatório massificante e a realidade sexual múltipla e variada que a pulsão aciona no circuito de suas vicissitudes (Costa, 2015).

Freud faz com que sua análise extrapole o horizonte de um panorama meramente administrativo⁴. Ele não se atém a reprisar a tese geral segundo a qual “nossa civilização repousa [...] sobre a supressão dos instintos” (Freud, 1908/1976, p. 192), pois salienta que cada indivíduo responde, singularmente, aos ditames dessa moral no mínimo esdrúxula, engajando assim o conceito de perversão no plano de uma expressiva crítica cultural.

3. Aspectos estratégicos e subversivos da “perversão” na crítica freudiana à moral sexual civilizada

A crítica de Freud à maneira implacável como a civilização moderna trata a sexualidade revela-se ancorada no conceito de “perversão”. Freud o maneja a fim de reposicionar o problema da moral sexual civilizada em um novo *status* crítico-reflexivo e conduzir sua questão na direção de

⁴ “Admitindo-se que a moral sexual civilizada cause danos, alguém poderia argumentar [...] que o proveito cultural decorrente de tão ampla restrição da sexualidade compensa, provavelmente, esses sofrimentos, os quais afinal de contas só afligem de forma severa uma minoria. Devo confessar-me incapaz de contrapor corretamente os ganhos aos prejuízos, mas poderia oferecer maiores argumentos à causa das perdas” (Freud, 1908/1976, pp. 200-201). Tais efeitos podem ser visualizados tanto em razão das figuras do santo, do fora da lei e do herói, como da variedade de casos clínicos e seus previsíveis desfechos (Freud, 1908/1976).

alguns encaminhamentos práticos. Talvez esse seja o debate em que Freud mais se posiciona de modo tão antagonista.

Podemos observar que, ao revisitar a questão, Freud nunca deixou de alardear sobre a insurgência temerária contra os traços perversos inatos à constituição da sexualidade. Em *Dois verbetes de enciclopédia*, de 1923, ele corrobora a razão pela qual “tornou-se necessário ampliar o conceito do que era sexual” (Freud, 1923/1976, p. 297), pontuando que “essa ampliação foi [...] recompensada pela nova possibilidade de apreender a vida sexual infantil, normal e perversa, como um todo único” (Freud, 1923/1976, p. 297). E no *Esboço de Psicanálise*, viria a elencar certos fatos que não se encaixariam na estreita moldura da opinião segundo a qual “[...] a vida sexual humana consiste essencialmente numa busca de colocar o próprio órgão genital em contato com o de alguém do sexo oposto” (Freud, 1940/1975, p. 177).

Segundo a avaliação de Freud, a Psicanálise teria provocado espanto e oposição ao contradizer a ideia prevalecte que assegurava uma sutura entre vida sexual e procriação. Fatos da vida erótico-sexual que a civilização e sua moral insistem negligenciar, a Psicanálise – “julgada como subversiva” (Santos e Ceccarelli, 2010, p. 29) – insiste desencobrir. A visão popular e majoritária não chega a ser, na prática, totalmente indócil com os chamados “[...] fenômenos acessórios e atos introdutórios” (Freud, 1940/1975, p. 177) – tais como o beijo, o olhar, o toque etc. –, mas isso jamais representaria uma confirmação da perspectiva freudiana sobre a sexualidade nas crianças que, “[...] em muitos respeitos, apresentou um quadro diferente da dos adultos e, de modo bastante surpreendente, exibiu numerosos traços daquilo que, nos adultos, era condenado como ‘*perversões*’” (Freud, 1923/1976, p. 297, *itálico do autor*).

Por mais rudimentar que pareça, o sentido de perversão que se desponha dessas passagens se remete ao interesse e/ou uso dos órgãos sexuais desassociado da procriação. O termo atende o mais elementarmente possível à clivagem entre prazer e reprodução, precisamente o fato constitucional que a moral civilizada, por definição, rechaça da sexualidade. Tal foi a reação cultural às perspectivas abertas em 1905, mas que ainda se encontrava em franco recrudescimento, tanto no início da década de 20 como no fim da década de 30.

É claro que essas retomadas são em grande medida ressonâncias daquilo que foi inaugurado no segundo dos *Três ensaios*. Freud não se restringia à caracterização da sexualidade infantil, pois faz precipitar nela toda a enxurrada de manifestações que nessa mesma obra, porém no ensaio antecedente, referiam-se às aberrações sexuais. “Pressentindo o estatuto particular do objeto das pulsões sexuais, Freud arranca assim definitivamente o processo perverso do campo das

discriminações que o inscreviam como um desvio em relação às normas. Com Freud, a perversão se inscreve na própria norma” (Dor, 1996, p. 416).

A perversão é assim elevada a uma nova condição epistemológica, não sendo mais circunscrita como desvio em relação a parâmetros sociais, morais ou médico-legais. De acordo com Van Haute (2016, p. 263), “se as perversões nos ensinam sobre a estrutura mesma da sexualidade humana, torna-se impossível tratá-las como identidades separadas, ao lado de outras identidades”. As perversões “nos informam sobre os elementos constitutivos da sexualidade em cada um de nós” (Van Haute, 2016, p. 262). Eis como Freud as descreve:

É instrutivo o fato de que, sob a influência da sedução, as crianças podem tornar-se perversas polimorfas, e podem ser levadas a todas as espécies de irregularidades sexuais. Isto mostra que uma aptidão para elas existe inata na disposição das crianças. Há, conseqüentemente, pouca resistência no sentido de realizá-las, já que as barreiras mentais contra os excessos sexuais – vergonha, repugnância e moralidade – ou não foram ainda construídas ou estão apenas em processo de construção, segundo a idade da criança. Neste sentido, *as crianças se comportam da mesma forma que uma mulher comum inculta em quem persiste a mesma disposição perversa polimorfa*. Em condições normais, ela pode continuar normal sexualmente, mas, se for vencida por um sedutor hábil, sentirá gosto por todas as sortes de perversão e as conservará como parte de suas próprias atividades sexuais. *As prostitutas exploram a mesma disposição polimorfa, isto é, infantil, para as finalidades de sua profissão*; e, considerando o imenso número de mulheres que são prostitutas ou que se supõe tenham a aptidão para a prostituição sem nela se engajar, torna-se impossível não reconhecer que esta mesma disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana geral e fundamental. (Freud, 1905/1972, p. 196, itálico nosso)

Há um saliente traço vanguardista em se pensar que tantos distúrbios, transtornos ou perturbações nos adultos não são desvios, mas prolongamentos e inflações da “*perversidade polimorfa* da criança, instituída no próprio seio da sexualidade ‘dita’ normal” (Dor, 1996, p. 416, itálico do autor). Soe talvez mais ainda arrojado indicar que somente as prostitutas (ou qualquer mulher propensa à prostituição) preservaram tais disposições, mantendo-as a salvo da uniformidade moral imposta pela civilização.

Esse dado se configura como uma pista indispensável à composição conceitual da perversão que se define não apenas para abrir uma compreensão de sexualidade às expensas da moral sexual civilizada, como para sediar o propósito de restaurá-la efetivamente, inclusive a nível de valores e comportamentos.

Tal como na passagem da potência ao ato, na qual se admite maior perfeição ao estado do ser que está em ato (Jolivet, 1982), a perversão remetida à figura das crianças corrobora comportamentos que demonstram a natureza pulsional da sexualidade, mas que na prática tendem a ser desviados,

reprimidos ou sublimados pela educação (Costardi e Endo, 2013) ou pelas exigências morais e intelectuais da civilização moderna. A sexualidade infantil só é ato na vida sexual das prostitutas, fato para o qual Freud acena a fim de eivar sua análise com uma pretensão performática.

O termo perversão teria assim duplo direcionamento, na medida em que, conforme as duas referências apresentadas por Freud, são as cortesãs quem realmente atualizam os traços de uma sexualidade que somente a infância certifica sua característica inata. Sem o respaldo da infância, o comportamento da meretriz não passaria de desvio e imoralidade; mas se não fosse o “imenso número de mulheres prostitutas” (Freud, 1905/1972, p. 196), o paradigma infantil seria inócuo, a julgar pelos sintomas desencadeados em indivíduos adultos, no contexto da moral civilizada.

Ambas as referências são, portanto cruciais para se cunhar a noção de perversão. Ela atenta contra a suposta inocência infantil, evidenciando sua erótica, como também reabilita as prerrogativas de um amor exponencialmente múltiplo e heterodoxo, desatrelando-o dos quadros marginais de sórdida devassidão.

As prostitutas participam explicitamente da confecção de uma referência dúplice ao sentido de perversão, o que torna justificável buscar compreender um pouco mais a respeito desse último az de resistência à moral civilizada, afinal, as migalhas de perversão que ainda persistem após as investidas acachapantes da civilização estão, segundo Freud, sob a tutela delas, que ainda emprestariam o nome para designar o circuito onde são enunciadas as “condições necessárias ao amor” (Freud, 1910/1970, p. 149). Isso impele indagar pelo teor fundamental da questão freudiana sobre a moral sexual moderna, estando o amor no centro dessa diligência, e sendo o principal motivo de sua solicitude.

Em que consistiria o amor erótico convocado de uma sexualidade experimentada em bordeis e restrita a puteiros? Na medida em que a natureza perversa da sexualidade é assolada pelo processo civilizacional, restaria algo de tangível ao ato de amar?

4. O “amor à prostituta” como paradigma para restabelecer o amor numa modernidade eroticamente decadente

Nossas considerações sobre a questão freudiana podem soar obsoletas numa época de transformações designada líquida (Bauman, 1998), pós-moderna (Lyotard, 1988) ou identificada por seu “excesso de positividade” (Han, 2012, p. 7). A princípio, bastaria a cultura afrouxar suas exigências morais sobre a sexualidade para que assim se desencadeasse o benefício dos efeitos esperados. A reivindicação de Freud não apenas seria atendida, como sua crítica se dissiparia na

mesma velocidade do lendário nó do rei Górdio, após Alexandre Magno destruí-lo à espada, em vez de enfrentar os desafios (lógicos) de sua resolução.

Para Garcia (1997, p. 103), realmente “em 1908 Freud parecia otimista em relação ao futuro da sexualidade ocidental e sua relação com a civilização”, momento em que ele defendia reforma nos costumes e apostava na chegada de “[...] ‘dias melhores’ no que tange ao sexual e, portanto, à civilização” (Garcia, 1997, p. 103). Mas, recorrendo ao cotidiano de sua clínica, Garcia (1997, p. 104) recolhe evidências de que, mesmo numa época bem menos restritiva em que há mais de um século “[...] já não mais vigora a moral sexual civilizada de que nos falava Freud”, e “[...] contradizendo, talvez, as expectativas de Freud, o mal-estar sexual persiste” (Garcia, 1997, p. 104).

É o que *mutatis mutandis* se nota em algum nível de assimilação e integração das perversões na atualidade, não obstante a maior eficiência de uma tecnologia cultural dotada de recursos mais sofisticados de interdição ao erotismo. Campos (2010, p. 298) alerta, a esse respeito, para a sua regulação na condição de objeto de explicação científica pela medicina e pela psicologia, ou de objetos valorizados pela mídia, em que “o diferente, o exótico, o estranho, o estrangeiro, o ‘pervertido’ compõem um espetáculo de pura exterioridade”. É plausível então suspeitar que, num contexto mais licencioso, com demandas inteiramente diversas às da família vienense contemporânea a Freud, outra variedade de sintomas seja produzida num “além do ‘mal-estar’” (Rezende Cardoso, 2018, p. 155), nas circunstâncias de um sujeito “imerso numa cultura voltada para o prazer absoluto” (Rezende Cardoso, 2018, p. 155).

Em todo caso, Freud era taxativo na avaliação de como a máquina cultural pretendia aniquilar até o mais ínfimo rastro de transgressão perversa. Além disso, ele também percebe em *Moral sexual* que a moralidade moderna faz uso de expedientes retóricos bem calibrados, como os do trecho a seguir, em que se verifica o argumento de que se os elementos perversos regessem a sexualidade, as relações amorosas se deteriorariam, transformado em jogo fácil algo tão digno e honroso.

Como o coito normal tem sido tão implacavelmente perseguido pela moral e também pela higiene devido às possibilidades de infecção, as práticas sexuais chamadas pervertidas, nas quais outras partes do corpo assumem o papel de genitais, aumentaram sem dúvida sua importância social. Entretanto, essas atividades não podem ser consideradas tão inofensivas como outras extensões análogas [da meta sexual] nas relações amorosas. São condenáveis do ponto de vista ético, pois degradam as relações amorosas de dois seres humanos, rebaixando-as de uma questão fundamental a um jogo cômodo, livre de riscos e sem nenhuma participação espiritual. (Freud, 1908/1976, p. 205)

Ao discorrer tão expressamente sobre o viés linguístico-discursivo da moral civilizada, Freud parece indicar quão obstinado é esse projeto civilizatório. Ele observa que os efeitos deletérios que a modernidade antiperversa causa aos indivíduos não se manifestam apenas numa escalada (quantitativa) de adoecimentos, mas sobretudo na obliteração (qualitativa) da experiência amorosa. Está assim lidando com uma conjuntura em que se faz sensível indagar: Os danos que a moral – esta sim! – acarreta às relações amorosas serão conduzidos a alguma espécie de extremo? Até onde a civilização pode chegar com sua moral sexual? Como evitar algum desdobramento ainda mais crítico ao leque de consequências possíveis?

No rastro dessas problematizações, desponta-se a compreensão de que na verdade é a moral sexual moderna que ameaça destroçar os laços (sociais) de amor. Mais ainda: a radical intransigência para com os elementos perversos da sexualidade lançava a própria civilização numa espiral de autodestruição, o que pode ser concebido junto à tese, como Santos e Ceccarelli (2010, p. 27) nos faz recordar, de que “[...] nossa civilização repousa sobre a supressão (*Unterdrückung*) das pulsões”. Tal como o limite entre a farmacologia e a toxicologia está na dosagem da droga a ser ministrada, assim também “[...] a sexualidade pode ser controlada e a economia da descarga sexual que daí resulta pode ser utilizada para aquisições culturais” (Santos e Ceccarelli, 2010, p. 23), ou em caso de uma moral “[...] demasiadamente restritiva, [esta] seria causa de danos psíquicos que colocariam em risco a saúde e a eficiência cultural humana” (Santos e Ceccarelli, 2010, p. 26).

De fato, os drásticos contornos que circunscrevem o embate entre Freud e o projeto ético-cultural da modernidade não são de modo algum redutíveis ao combate que o cavaleiro de La Mancha trava, pelo amor de sua Dulcineia, com os moinhos gigantes de Consuegra (Cervantes, 1605/2006). A noção de perversão atende, com efeito, a um propósito estratégico de testemunhar exatamente sobre as condições que anunciam o amor como uma experiência possível. Para observarmos como se dá esse testemunho, acompanharemos dois movimentos esboçados por Freud, que conectados um ao outro, podem ser tidos – como aqui propomos – como uma fortificação em torno ao manadeiro do amor, deixando assim notar que eles funcionam como engenhos determinados a impedir que o assédio moral praticado pela civilização sobrepuje essa que pode ser considerada a última fronteira.

Nada mais presumível à moral moderna incluir como alvo de seu plano de austeridade o seio materno enquanto objeto sexual da fase de amamentação, pois essa consiste em tese a referência prioritária sobre onde a satisfação sexual do bebê se encontra originalmente conjugada com a pulsão de autoconservação (Coelho Jr., 2001). Em *Sobre o Narcisismo*, Freud (1914/1974, pp. 103-104) assim indica que “[...] os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam

com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua”⁵.

O que está em jogo, neste primeiro ponto, é que o complexo fluxo de afeições e satisfações que se processa entre a criança e a pessoa que cuida dela é exatamente aquilo que ancora uma experiência de transmissão e/ou aprendizado, pois a mãe em geral a olha “[...] com sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija-a, embala-a e muito claramente a trata como um substitutivo de um objeto sexual completo” (Freud, 1905/1972, pp. 229-230). Como sinalizado no terceiro dos *Três ensaios*, ela

[...] está apenas *cumprindo seu dever de ensinar o filho a amar*. Afinal de contas, a criança deve crescer e transformar-se numa *pessoa forte e capaz*, com vigorosas necessidades sexuais, e realizar durante sua vida todas as coisas que os seres humanos são impelidos a fazer por seus instintos. (Freud, 1905/1972, p. 230, itálico nosso)

Sem adentrarmos nas particularidades de como isso acontece, temos como notar o quanto repugna à moral civilizada que esse tipo especialíssimo de ensino triunfe; afinal, esse ser humano pulsionalmente vibrante, que se desenvolve a partir de um bebê iniciado no amor, é o anverso do indivíduo decaído pelas “[...] exigências de nossa moral sexual cultural contemporânea” (Freud, 1908/1976, p. 198). Logo seria mais qualificável estimar os acometimentos por doença nervosa como resultados provisórios de um intento civilizacional muito mais ambicioso.

Nesse sentido, as reflexões de 1908 teriam feito girar a atenção de Freud. No ambiente dos *Três ensaios*, Freud (1905/1972, p. 230) se preocupava com o ponto de chegada, devido ao desfecho neurótico da questão pela qual “[...] um excesso de afeição dos pais é nocivo [...] também porque, mimando a criança, torna-a incapaz, na vida ulterior, de passar temporariamente sem amor ou de contentar-se com uma pequena quantidade dele”. No *Moral sexual*, as preocupações se voltam para o ponto de partida, uma vez que não haveria problemas causados por excesso de amor caso a civilização continuasse avançando rumo ao tempo e lugar onde a mãe ensina sua prole a amar.

O segundo aspecto dessa fortificação aparece formulado pouquíssimo tempo depois, em 1910. Num primeiro plano, *Um tipo especial* lança a psicanálise como auxílio clínico apropriado a casos de desventuras amorosas, apresentando-a como um conveniente tratamento para sondar as origens

⁵ Seria mesmo um equívoco achar que a moral civilizada ataca a perversão apenas no que diz respeito às configurações do narcisismo secundário, nas quais se constituem grupos de pessoas “[...] tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos [...] adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus” (Freud, 1914/1974, p. 104). Logo não é a escolha pelo tipo de amor narcísico que a civilização espezinha em favor da opção pelo tipo anaclítico (Freud, 1914/1974).

psíquicas de relacionamentos conturbados, garantir um pouco de sossego à vida dos amantes e sintonizá-los na frequência de um “amor normal” (Freud, 1910/1970, pp. 151-152). Mas se tomada à luz do embate com a moral civilizada, esse trabalho guarda o propósito de predicar caráter de indestrutibilidade às condições de transmissibilidade do amor, precisamente por conta da expressão “amor à prostituta” (Freud, 1910/1970, p. 149).

De modo um tanto mais conservador, o amor à prostituta apenas assinalaria que também nessas circunstâncias se desvela a lógica repetitiva e depreciativa do fenômeno amoroso. A prostituta seria apenas mais um dentre tantos outros objetos substitutos, pois na realidade “[...] os homens sempre procuram a mãe em suas escolhas objetais, seja com mulher comprometida, prostituta, virgens, mulheres que precisam ser salvas ou mulheres maduras” (Ravanello e Martinez, 2013, p. 161).

A expressão deve possuir, entretanto uma camada de maior densidade, distinta desse nível de conteúdos rarefeitos, como assim Freud (1910/1970, p. 155) declara em *Um tipo especial*: “[...] já não podemos mais considerar contraditório e incompreensível que a precondição de que a pessoa amada se assemelhe a prostituta derive diretamente do complexo materno”. Isso soa embaraçoso em vista do delineamento traçado pelo próprio campo da teorização freudiana, ao postular que “muitos homens não podem desejar à mulher que amam, nem amar à mulher que desejam” (Chemama, 1998, p. 18, tradução nossa), nesse caso, a mulher prostituta. Logo o assim designado amor à prostituta instala uma contrariedade no cerne da economia amorosa, elegendo para o amor um objeto passível apenas de desejo.

Em se tratando, porém do excesso de supressão imposto pela moral civilizada, as restrições ao exercício da sexualidade não só resultavam “[...] na frigidez e anestesia sexual (histeria)” (Garcia, 1997, p. 100) das jovens. Uma vez que as mulheres “ficavam [...] impossibilitadas de amar seus maridos” (Garcia, 1997, p. 101), o repertório da meretriz passava a atrair não só para fins de satisfação erótica, como também de alento em meio ao deserto cultural e psiquicamente árido de quaisquer afeições.

Se no esforço de estabelecer um chamado amor à prostituta Freud se exaspera ou não em recompor tal expediente dos escombros da moral sexual moderna, não há necessidade de se deprender alguma apologia por trabalho informal e precarizado (Silva, Silva, Skackauskas e Barreto, 2021), nem em pautar alguma afirmação etnográfica quanto ao aspecto contra hegemônico da relação sexual vislumbrada (Blanchette, 2021). Essa prostituta não se assimila a expressões alegóricas destinadas a fornecer uma categoria de pensamento para reflexões éticas, estéticas e epistemológicas

(Amary, 2021)⁶, tampouco subscreve um perfil de mulheres frágeis e passivas que Kolontai (2011, p. 19) opõe às “milhões de Matildes envoltas em xales cinzentos”, com força e independência talhadas no interesse da classe operária⁷.

A problemática freudiana quanto às injunções da moral civilizada sobre a sexualidade possui um nicho próprio e se desenvolve no eixo de uma reflexão irreduzível até mesmo ao campo clínico-teórico da perversão e suas manifestações (Manso de Barros e Furtado de Mendonça, 2013 e Martin-Mattera, 2014). O que sublinhamos é que estamos diante de um paradoxo ao qual Freud endossa como condição para que ainda reste na modernidade alguma possibilidade de amar. Nos *Três ensaios*, ele aclamava as prostitutas como o remanescente de uma sexualidade que resiste à padronização da moral civilizada. Em *Um tipo especial*, são elas quem emprestam o nome para designar o domínio que suporta o amor, o último refúgio do amor que declina. Em *O mal-estar*, sua dedicação ao tema ganharia tons suplicantes:

Evidentemente, *estou falando da modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo*, que busca toda satisfação em amar e ser amado. Uma atitude psíquica desse tipo chega de modo bastante natural a todos nós; uma das formas através da qual o amor se manifesta – o amor sexual – nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca da felicidade. [...] O lado fraco dessa técnica de viver é de fácil percepção, pois, do contrário, nenhum ser humano pensaria em abandonar esse caminho da felicidade por qualquer outro. É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade. Há muito mais a ser dito a respeito. (Freud, 1930/1974, p. 101, *italico nosso*)

⁶ Amary (2021) observa largamente no pensamento de Walter Benjamin o uso de alegorias femininas com as quais se pretende dar expressão a problematizações de temas éticos, estéticos e políticos. Ademais, não se deve de modo algum reter em polaridades estanques os “[...] aspectos concretos e simbólicos que caracterizam o trabalho sexual [frequentemente precarizado], e como tais aspectos se articulam a diferentes modos de se fazer política em um campo em que estão em jogo direitos trabalhistas, direitos sexuais e direitos ao corpo” (Silva, Silva, Skackauskas e Barreto, 2021, p. 691), bem como formas de expressão etnográfica que evidenciam modos diversos de se conceber as relações sexuais comerciais ou baseadas na reciprocidade (Blanchette, 2021).

⁷ Kolontai (2011, pp. 34-35) tipifica a prostituição como um dos fatores que envenenam a formação de uma nova mulher: “Não há nada que prejudique tanto as almas como a venda forçada e a compra de carícias de um ser por outro com que não tem nada em comum. A prostituição extingue o amor nos corações. [...] Rouba o que é mais valioso nos seres humanos, a capacidade de sentir apaixonadamente o amor, essa paixão que enriquece a personalidade pela entrega dos sentimentos vividos. [...] deforma todas as noções que nos levam a considerar o ato sexual como um dos fatores essenciais da vida humana, como o acorde final de múltiplas sensações físicas [...]”. Assim ela caracteriza as prostitutas como sendo mulheres “de natureza frágil e passiva” (Kolontai, 2011, p. 18) e que, uma vez arrancadas do lar por força das necessidades materiais geradas pela realidade capitalista, deixaram-se “levar pelo caminho fácil da prostituição legal ou ilegal, casam-se por conveniência ou lançam-se à rua” (Kolontai, 2011, p. 19). De outra índole são as mulheres que “assimilaram a filosofia da luta pela vida” (Kolontai, 2011, p. 18), engajaram-se “nas fileiras das hostes trabalhadoras” (Kolontai, 2011, p. 18) e “hasteiam o estandarte da insurreição para protestar contra as verdades que as submeteram durante gerações” (Kolontai, 2011, p. 24).

Certamente, há muito que se dizer a respeito de uma modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo. Vale o sacrifício – questionam Santos e Ceccarelli (2010) – de nos mantermos civilizados? A moral sexual civilizada vale o sacrifício do amor?

Diante de uma lógica moralizante em que o amor não tem valor, a indagação freudiana ensaia dois encaminhamentos: o de lidar com as eventuais – por vezes, inevitáveis – frustrações do amor ou com a permanente impossibilidade de amar. O que será mais insuportável? É o interpelante que ninguém pode – ou não deveria – se eximir. É a questão para a qual guardam as meretrizes os segredos de seu antro inconfidente.

5. Considerações Finais

As problematizações sobre os impactos que a moral sexual civilizada causa ao desenvolvimento da sexualidade ocupam as reflexões de Freud ao longo de toda sua pesquisa e atividade clínica. O teor de suas discussões confere assento ao desenho que aqui propomos, ao revisitarmos o assunto e percebê-lo no arcabouço de uma batalha teórica declarada. Isso pode ser justificado, uma vez mais, com base na precisão com que Freud lida com o tema, e com os expedientes que emprega para tipificar essa moral, muito distante de poder ser estereotipado sob imagens do conservadorismo ou como um progressista.

O embate, como vimos, é assistido por movimentos estratégicos em meio aos quais Freud lança mão de articulações bastante arrojadas. A moral civilizada e suas mazelas, jamais uma sem a outra, servem de parâmetro para se observar, acompanhar e apreender a trajetória de formulação das conceituações freudianas. No esforço de estabelecer um chamado “amor à prostituta”, Freud ricocheteia a moral sexual civilizada, a fim de garantir para o amor uma zona de manifestação.

Esses apontamentos indicam que Freud tratou rigorosamente de uma ética sexual sem abstraí-la das condições histórico-sociais concretas que incidem na vida amorosa e nas maneiras como se postula a experiência de prazer. Significados de amor, sexualidade, felicidade etc. são lapidados na contingência efetiva do ser humano enquanto ser sexuado, donde a atualidade de uma interpelação sempre engajada: que vale o amor, se assim for?

Aliás, não foi a partir de uma indagação semelhante que a personagem Nora, na peça *Casa de bonecas*, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906), entrega para seu marido Helmer uma decisão irretocável? “– Custa-me muito, [Helmer] Torvald, porque você sempre foi muito bom pra mim. Mas nada posso contra isso: já não o amo mais” (Ibsen, 1879/2007, p. 100). A trama por que passa o casal leva Nora a ressignificar sua “infantil, deliciosa, encantadora” (Kehl, 1992, p. 264)

intimidade familiar, a ver-se infinitamente mais digna e liberta das ternuras com que se contentou por tantos anos.

“– Nora [diz Helmer], por você eu trabalharia alegremente dia e noite. Suportaria tudo, preocupações e provações; mas não há ninguém que sacrifique a sua honra pelo ente que ama” (Ibsen, 1879/2007, p. 101), ao que Nora contesta: “– Milhares de mulheres têm feito isso” (Ibsen, 1879/2007, p. 101). As doses de graciosidade e proteção oferecidas pelo marido foram medidas e rejeitadas, consideradas ínfimas diante de outro amor muito mais elevado. É o que milhares de mulheres têm feito, como notou Freud. É o que a questão psicanalítica instiga, ao menos, a contrapesar.

Referências

- Amary, M. (2021). Entre princesas e prostitutas: as alegorias do feminino na Modernidade. *Artefilosofia*, 16(30), 101-124.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Blanchette, T. (2021). O poder de não dar: as relações do dom e bordéis. *Farol*, 8(23), 793-836.
- Campos, D. T. F. (2010). A perversão feminina e o laço social na atualidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 287-311.
- Cervantes, M. (1605). *Dom Quixote de la Mancha*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- Chemama, R. (1998). Amor. In R. Chemama (Dir.). *Diccionario del Psicoanálisis: diccionario actual de los significantes, conceptos y matemas del psicoanálisis* (pp. 17-20). Buenos Aires: Amorrortu.
- Coelho Jr., N. E. (2001). A noção de objeto na Psicanálise freudiana. *Ágora*, 4(2), 37-49.
- Costa, M. F. (2015). Civilização e ética: uma leitura possível em Freud. *Fórum*, 3, 19-32.
- Costardi, G. G. e Endo, P. C. (2013). Ética da Psicanálise, educação e civilização. *Estilos da Clínica*, 18(2), 327-341.
- Dor, J. (1996). Perversão. In P. Kaufmann (Ed.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan* (pp. 415-423). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras completas Vol. 7* (pp. 121-250). Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1908). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud. *Obras completas Vol. 9* (pp. 183-208). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

- Freud, S. (1910). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). In S. Freud. *Obras completas Vol. 11* (pp. 147-157). Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *Obras completas Vol. 14* (pp. 83-119). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1923). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud. *Obras completas Vol. 18* (pp. 283-312). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas Vol. 21* (pp. 73-171). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1940). Esboço de Psicanálise. In S. Freud. *Obras completas Vol. 23* (pp. 163-237). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Garcia, C. A. (1997). Psicanálise e mulher contemporânea: novas questões, antigas soluções. In M. I. D'Ávila Neto e C. A. Garcia (Orgs.). *Mulher: cultura e subjetividade* (pp. 99-108). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.
- Gregio, N. O. (2016). *Termodinâmica, um tutorial para entendimento do conceito de entropia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Han, B.-C. (2012). *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder.
- Ibsen, H. (1879). *Casa de bonecas*. São Paulo: Veredas, 2007.
- Jolivet, R. (1982). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir.
- Kehl, M. R. (1992). A mulher e a lei. In A. Novaes (Org.). *Ética* (pp. 261-274). São Paulo: Companhia das Letras.
- Kolontai, A. (2011). *A nova mulher e a moral sexual*. São Paulo: Expressão Popular.
- Lyotard, J.-F. (1988). *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Manso de Barros, R. M. e Furtado de Mendonça, L. G. e S. (2013). Mulher perversa? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(2), 218-231.
- Martin-Mattera, P. (2014). Perversão nas mulheres ou perversão feminina. Uma questão de sexuação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3), supl. 1, 720-737.
- Moura, M. (2016). *Entropia estatística e o ensino da segunda lei da Termodinâmica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- Oliveira, P. M. C. e Dechoum, K. (2003). Facilitando a compreensão da segunda lei da Termodinâmica. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 25(4), 359-363.
- Pinheiro, C. V. Q., Lima, C. P. e Oliveira, D. P. (2006). Sobre as relações entre o sexual e o mal-estar na civilização: uma discussão acerca das perspectivas freudianas. *Psicologia Clínica*, 18(2), 37-48.
- Ravanello, T. e Martinez, M. C. (2013). Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, 35(29), 159-183.
- Rezende Cardoso, M. (2018). Novo retorno do traumático na Psicanálise hoje: além do mal-estar? *Ágora*, 21(2), 149-157.
- Rodrigues, D. C. (2011). *Termodinâmica*. Vitória: UFES.
- Santos, A. B. R. e Ceccarelli, P. R. (2010). Psicanálise e moral sexual. *Reverso*, 32(59), 23-30.
- Santos Filho, J. (2021). As Leis da Termodinâmica: contexto histórico, definições e aplicações. In M. C. Neves de Andrade (Org.). *Termodinâmica: prática e sem mistérios* (pp. 33-41). Guarujá: Científica Digital.
- Silva, C. L. O., Silva, A. P., Skackauskas, A. e Barreto, L. C. (2021). Tecendo narrativas sobre o trabalho sexual no Brasil. *Farol*, 8(23), 690-715.
- Silva, G. R. e Errobidart, N. C. G. (2019). Termodinâmica e Revolução Industrial: uma abordagem por meio da História Cultural da Ciência. *História da Ciência e Ensino*, 19, 71-97.
- Van Haute, P. (2016). Lacan, herdeiro de Freud? Algumas reflexões sobre a perversão em Freud e Lacan. (Trad. Claudia Murta). *Sofia*, 6(1), 259-272.